

Credo para conhecer e conhecendo o que se crê

*Uma proposta agostiniana da relação entre
fé e conhecimento*

Francisco Eduardo de Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

eduardo.jefds@gmail.com

Recebido: 19 de janeiro de 2023
Aprovado: 30 de junho de 2023
DOI: 10.47661/afcl.v16i32.56580



OLIVEIRA, Francisco Eduardo de. Credo para conhecer e conhecendo o que se crê : uma proposta agostiniana da relação entre fé e conhecimento. Anais de Filosofia Clássica 31, 2022. p. 45-59

ABSTRACT: This article intends to present how Saint Augustine treated the relationship between faith and knowledge, based on his characteristic phrase: "I believe so that I may understand". He develops a harmonious and complementary view of this relationship, bequeathing this same perspective to the entire later tradition of Christian philosophers, as an example we have Anselm and Abelard. Within this context, we sought to answer the following questions: What is the place of faith in knowledge? What is the place of knowledge in faith? Does knowledge necessarily deny the faith's help? Does faith need the justifications and verifications of knowledge in the face of what it believes? Hence, the answers followed Saint Augustine's ideas about the relationship between faith and knowledge.

KEY-WORDS: Faith; Knowledge; Saint Augustine.

RESUMO: Esse artigo pretende apresentar a forma como Santo Agostinho tratou a relação entre a fé e o conhecimento, a partir da sua frase característica: "Se não acreditardes não entenderéis", desenvolvendo, assim, uma visão harmônica e complementar dessa relação, legando a toda tradição posterior de pensadores cristãos, essa mesma perspectiva, como exemplo temos Anselmo e Abelardo. Nesse sentido, buscou-se responder as seguintes questões nesse artigo: Qual é o lugar da fé no conhecimento? Qual é o lugar do conhecimento na fé? O conhecimento nega necessariamente o auxílio da fé? A fé necessita das justificativas e verificações do conhecimento diante do que crê? A partir disso, as respostas seguiram as ideias de Santo Agostinho para relação entre a fé e o conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Fé; Conhecimento; Santo Agostinho.

1. Introdução

A relação entre fé e conhecimento sempre existiu. Mesmo que a relação não tenha sido das melhores nos últimos tempos, ela viveu tempos áureos. Se levar em consideração que toda a História do Pensamento Ocidental, desde a Grécia até os nossos dias, ver-se-á que os temas sempre estiveram em constante relação. Vez por outra eles foram tratados isoladamente, em outras ocasiões, conjuntamente e contemporaneamente são abordados geralmente de forma antagônica. O caminho proposto por Santo Agostinho estabelece uma relação harmônica e de complementação para a relação entre fé e conhecimento.

Antes de mais nada, partimos de definições dos termos bastante básicas e à disposição de qualquer um. A fé pode ser definida, em linhas gerais, no ensino básico de Filosofia, como “o compromisso com uma noção que se considera revelada ou testemunhada pela divindade.” (Abbagnano, 2000, p. 431). Contudo, o sinônimo desse termo, a crença, pode ajudar na compreensão das nuances de significado relacionados à fé. A crença pode ser definida como “a adesão à validade de uma noção qualquer.” (*Ibid.*, 2000, p. 218). Com esses conceitos em mente, é possível, então, perceber a dupla perspectiva da noção de fé. Ou seja, a fé é uma crença em algo, mas também compreende um conjunto de verdades ou argumentos em que se pode depositar confiança. Essas são, justamente, as formas como o conceito de fé aparece, seja no âmbito da filosofia ou da teologia. É necessário, portanto, que ao se abordar esse conceito, tenha-se em mente essas duas perspectivas a fim de evitar dificuldades na sua compreensão e interpretação.

Agora, por conhecimento, podemos entender “uma técnica para

verificação¹ de um objeto qualquer.” (Abbagnano, 2000, p. 174). Em outros termos, o conhecimento é uma “apropriação intelectual de determinado campo empírico ou ideal de dados, tendo em vista dominá-los e utilizá-los.” (Japiassú, Marcondes, 2001, p. 40). Nesse sentido, o conhecimento é uma forma de verificação que visa à aquisição e domínio da natureza a fim de utilizá-la para benefício próprio ou de outrem².

Isso posto, fica mais fácil, a princípio, identificar a diferença entre fé ou crença e o conhecimento. Pois, a fé ou a crença “é o empenho na verdade de uma noção qualquer ainda que não verificável” enquanto o conhecimento é “um procedimento de verificação ou a participação possível em tal procedimento.” (Abbagnano, 2000, p. 174). Sendo assim, o problema já se encontra resolvido? Não. Partindo dessas premissas em forma de definições à nossa disposição, algumas perguntas permanecem. Qual é o lugar da fé no conhecimento? Qual é o lugar do conhecimento na fé? O conhecimento nega necessariamente o auxílio da fé? A fé não necessita das justificativas e verificações do conhecimento diante do que crê?

Para responder a essas indagações recorreremos aqui a Santo Agostinho (354 – 430). Ele foi o último filósofo do Período Antigo e o mais proeminente pensador da Patrística. De sua pena, as doutrinas cristãs ganharam fundamentação filosófica. Por isso, recorrer a ele a fim de entender como pensava a relação entre fé e conhecimento é fundamental, por duas razões. A primeira, é que recorrendo a ele, recorre-se necessariamente a posição majoritária da igreja católica em

¹ Aqui utilizamos o sentido mais geral desse termo, como procedimento que estabelece a verdade ou a falsidade de um enunciado qualquer ou atestado ou prova de algo passível de ser analisado empiricamente ou racionalmente. Não analisamos ele a partir das perspectivas estabelecidos pelo Círculo de Viena ou por quaisquer outras abordagens (Abbagnano, 2000, p. 999).

² Note-se que trazemos definições dicionarizadas em obras de referência acessíveis da área.

seu período e posterior a ele. A segunda, é justamente porque ele teve que lidar com essas questões no período de formação das principais crenças do cristianismo, ao mesmo tempo que defendia a sua fé e dava a ela uma forma filosófica diante daqueles que queriam desacreditá-la.

2. Credo para conhecer

Étienne Gilson, em sua obra *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*, propõe em seu sumário que, na busca de Deus pela inteligência, a fé é o primeiro degrau, segundo a concepção agostiniana. Ele entende que “longe de perder-se ao seguir a fé, ao contrário, a razão se encontra.” (Gilson, 2010, p. 35). Essa perspectiva, Gilson retira das palavras do próprio Santo Agostinho quando este responde a Evódio, seu interlocutor no livro *O Livre-Arbitrio*, ao tratar sobre a prova da existência de Deus, que “essa verdade não somente é objeto inalável de nossa fé, mas que nós chegamos a ela, pela razão, como sendo uma verdade certíssima, ainda que sua visão não nos seja muito profunda, pelo conhecimento.” (Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, II, 15, 39, p. 126). Em outros termos, a fé ou o crer não é um impedimento para a busca ou a obtenção do conhecimento. Esse é o argumento basilar que marca o pensamento do Bispo de Hipona e estende suas raízes pelo Período Medieval e Moderno na História do Pensamento Cristão.

Entretanto, a expressão agostiniana que mais caracterizou sua filosofia e, conseqüentemente, a relação desta com a fé, está presente também no livro *O Livre-Arbitrio*. Ele diz: “Se não acreditardes não entenderéis.” (Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, I, 2, 4, p. 28). Essa frase torna-se a verdade fundamental, a pedra de toque na teologia-filosófica do Bispo de Hipona (Pignatari, Costa, 2018, p. 86 e 87). Mesmo sendo uma expressão errada (Gilson, 2001, p. 144), retirada da versão dos

Setenta – Septuaginta³ – do texto do profeta Isaías 7. 9, ele a torna imprescindível ao seu pensamento sobre a relação da fé com o conhecimento. Essa afirmação aparecerá outras vezes nessa mesma obra e com algumas variações em outros textos como, por exemplo, nas *Confissões*, quando ele diz: “Creio, e por isso falo.” (Agostinho, *Confissões*, I, 5, 6, p. 41). Todavia, o sentido dado por Santo Agostinho é o mesmo em todos os casos em que ele utiliza essa expressão. E, o sentido é: Crer para conhecer.

Não há aqui, no pensamento agostiniano, a dicotomia ou mesmo o antagonismo entre os elementos da fé e do conhecimento. Esse antagonismo cresce possivelmente no Iluminismo e, mais sistematicamente, com Immanuel Kant (1724 – 1804) no Período Moderno da História da Filosofia. Santo Agostinho usa a fé, em primeiro lugar, como fundamento sobre o qual ele pôde edificar o edifício de sua reflexão filosófica sobre a realidade. Da mesma forma que René Descartes (1596 – 1650), ele buscou uma verdade, um fundamento seguro e evidente para construir sua filosofia. Agostinho pôs a fé como esse fundamento. Mas, em segundo lugar, ele o utilizou como uma convicção de premissas em que pudesse depositar sua confiança, para posteriormente se empenhar em conhecer. É dessa forma que ele se expressa quando declara seu desejo pela sabedoria que havia iniciado a partir da leitura da obra *Hortênsio* de Cícero (106 – 46 a.C.) ao dizer: “Apenas me deleitava, naquela exortação, o fato de essas palavras, me excitarem fortemente e acenderem em mim o desejo de amar, buscar, conquistar, reter e abraçar, não esta ou aquela seita, mas sim a mesma sabedoria, qualquer que ela fosse.” (Agostinho, *Confissões*, III, 4, 8, p. 84). Longe de ser um impedimento, o Bispo de Hipona, utilizava sua fé como trampolim para alcançar novos patamares em suas investigações em busca do conhecimento. É importante notar os verbos utilizados por

³ A Septuaginta é a versão da Bíblia Hebraica para o grego Koinê.

ele⁴. Ele usa: deleitar, excitar, acender, amar, buscar, conquistar, reter e abraçar. Todos esses verbos denotam um profundo desejo da razão que se origina sob o fundamento da fé na busca do conhecimento. A razão não é impedida pela fé na busca do conhecimento, antes pelo contrário, segundo Santo Agostinho, ela, a razão é levada a amar, desejar, abraçar e buscar a sabedoria, o conhecimento.

Portanto, a fé enquanto fundamento da busca do saber é apenas o primeiro passo. Pois, o célebre axioma agostiniano “Se não acreditardes não entenderéis.”, conduz necessariamente ao outro passo dessa relação, “Conhecendo o Que se Crê.”

3. Conhecendo o que se crê

A segunda implicação da máxima de Santo Agostinho é o “Conhecendo o Que se Crê.” Ora, se a premissa inicial não admitisse a possibilidade da utilização da razão no processo da fé, então, não haveria necessidade de discussão. Entretanto, o Bispo de Hipona vai além. Ele entrelaça a fé com a necessidade de uma análise e verificação da razão sobre o objeto da fé. É dessa forma que ele adverte Evódio: “Tem coragem e conserva a fé naquilo que crês. Nada é mais recomendável do que crer, até no caso de estar oculta a razão de por que isso ser assim e não de outro modo.” (Agostinho, *O Livre-Arbítrio*, I, 2, 5, p. 29). Ou seja, ele conclama seu interlocutor a tomar a devida coragem de ir além da fé. Evódio deveria dar mais um passo. Ele deveria subir mais um

⁴ Em latim, os verbos têm a mesma força e intensão expressas pela tradução em português: “*hoc tamen solo delectabar in illa exhortatione, quod non illam aut illam sectam, sed ipsam quaecumque esset sapientiam ut diligere, et quærerem, et assequerem, et tenerem atque amplexarer fortiter, excitabar sermone illo, et accendebar, et ardebam;*” AUGUSTIN, SAINT. *Oeuvres Complètes Saint Augustin Évêque D’Hippone*. Traduites em Français et Annotées Péronne, Écalle, Vincent e Charpentier. Tomo II – Les Rétractations (Deux Livres), Les Confessions (Treize Livres), Contre Les Académiciens (Trois Livres), La Vie Heureuse (Um Livre), De L’Ordre (Deux Livres) e Les Soliloques (Deux Livres). Paris: Librairie de Louis Vivés, 1870, p. 142.

degrau na busca do conhecimento que ainda não possuía. Por isso, afirma: “Tudo isso tendo sido estabelecido, contando com a ajuda de Deus, procuremos agora, com empenho, compreender a questão por ti proposta, seguindo a ordem que se segue.” (Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, I, 2, 5, p. 29). Não somente isso, Santo Agostinho ainda diz em outro parágrafo: “Agora, porém, a respeito dessas verdades confiadas à nossa fé, esforçamo-nos de ter igualmente um conhecimento pela razão, mantendo-as com certeza plena.” (Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, I, 3, 6, p. 31). O ponto defendido aqui é o mesmo nas duas passagens. A fé não é um impeditivo para a utilização da razão. Pois, posterior à fé, nasce na mente humana o desejo de encontrar as razões, as causas, ou seja, um conhecimento que encontre amparo, agora, no próprio entendimento.

Na perspectiva agostiniana do texto, percebe-se um caminho que a razão trilha naturalmente na busca do conhecimento que ainda não possui. Trata-se, então, de uma consequência lógico-natural da razão. A razão crê e, conseqüentemente, busca entender o objeto no qual ela depositou sua fé inicial. Essa proposta agostiniana revela um aspecto da vontade, como salientado pela forma como ele utilizou os verbos ao se referir ao trabalho exigido pela razão em decorrência da fé. A fé move o desejo; o desejo impulsiona a razão na investigação do desconhecido a fim de que possa dominá-lo. A vontade, no processo de conhecer o que se crê, é fundamental. Um detalhe importante não pode ser deixado de lado. Na primeira passagem citada anteriormente, ele diz: “contando com a ajuda de Deus”, isso significa uma limitação da razão para a aquisição do conhecimento. A razão, não pode por si só, conhecer toda a realidade, devido ao pecado original. Pois foi por vontade livre que o homem sujeitou a razão às paixões (Agostinho, *O Livre-Arbitrio*, I, 11a, 21, p. 52) tornando-a, desde esse momento, incapaz de se chegar ao conhecimento. Daí, a necessidade do auxílio divino nessa empreitada.

Conhecer o que se crê é a outra face da mesma moeda que envolve o elemento da fé, ou seja, crendo para conhecer. É fato, como observou John Stott, que “entender que a fé não dispensa o uso da mente

foi um desafio no passado e continua em nossos dias.” (Stott, 2012, p. 11). Contudo, isso não implica necessariamente em um abandono da razão pela utilização da fé. Talvez, o ponto crucial dessa segunda parte, o conhecendo o que se crê, esteja na finalidade que se atribui ao conhecimento. Para Santo Agostinho, o conhecimento não poderia ser um fim em si mesmo. É nesse sentido que ele diz:

Senhor, Deus da verdade, porventura quem conhece estas coisas já Vos agrada? Infeliz do homem que as conhece, mas Vos desconhece a Vós! Feliz o que Vos conhece, ainda que as ignore! O que Vos conhece a Vós e àquelas coisas não é mais bem-aventurado por causa delas, mas unicamente por causa de Vós, se, conhecendo-as, Vos glorifica como a Deus, Vos rende graças e não se desvanece em seus pensamentos. (Agostinho, *Confissões*, V, 4, 7, p. 84)

Assim, o Bispo de Hipona estabelece apenas o lugar em que cada elemento deve estar na busca pelo conhecimento. A Razão tem o seu lugar, tanto quanto a fé tem o seu. Não se trata, na visão agostiniana, de um antagonismo ou mesmo de uma anulação de um aspecto pelo outro. A fé em Deus, ocupando seu devido lugar, conduz a razão na busca do conhecimento daquilo que lhe é desconhecido. E, a busca do conhecimento como um fim em si mesmo, torna-o vazio e sem direção. Pois, “Deus nunca quis que o conhecimento fosse um fim em si mesmo, mas sempre o meio para outra finalidade.” (Stott, 2012, p. 73). Em outros termos, o problema não se encontra na fé ou no conhecimento em si, mas sim no lugar onde ele é posto. Justamente, porque “comprometimento sem reflexão é fanatismo em ação; reflexão sem comprometimento é a paralisia de toda ação.” (Stott, 2012, p. 22), dirá John Stott.

4. Heranças do pensamento agostiniano sobre a relação da fé com o conhecimento

Antes de se apresentar alguns aspectos da forma de pensar a relação entre fé e conhecimento a partir de uma perspectiva agostiniana, é importante mencionar que a posição defendida por Santo Agostinho, encontra seu fundamento nas Escrituras. Somente para exemplificar a questão, a primeira epístola de Pedro diz: “... Estejam sempre preparados para responder a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês.” (*Bíblia*, NVI, 1 Pedro 3. 15). Vê-se aqui, em um autor canônico, a ênfase na busca da razão, ou seja, do conhecimento, dos fundamentos da fé que eles já possuíam, como meta a ser alcançada por aqueles que criam. Esse exemplo mostra que a relação entre fé e conhecimento, razão e crença, teologia e filosofia já vem de longa data, mesmo em autores bíblicos. Esse exemplo basta para enfatizar que a relação, da fé e do conhecimento, não é negada pela fé cristã. E, essa relação, não é antagonica, mas sim harmônica desde os primórdios da fé cristã.

Todavia, essa perspectiva agostiniana da relação entre fé e conhecimento lançou raízes e floresceu ao longo do tempo. Somente para mencionar alguns exemplos posteriores à época de Santo Agostinho, pode-se ver que todo o Período Medieval foi influenciado diretamente por essa perspectiva. O primeiro exemplo a ser mencionado aqui é o de Anselmo de Cantuária (1033 – 1109). Seguindo as pegadas de Santo Agostinho e literalmente utilizando a máxima agostiniana sobre a necessidade de se crer para conhecer, ele diz:

Não tento, ó Senhor, penetrar a tua profundidade: de maneira alguma a minha inteligência amolda-se a ela, mas desejo, ao menos, compreender a tua verdade, que o meu coração crê e ama. Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender. (Anselmo, *Proslógio*, I, p. 107)

Anselmo de Cantuária é o exemplo mais claro no Período Medieval da forma como o pensamento de Santo Agostinho sobre a relação da fé com o conhecimento produziu frutos. Ele entendia que a fé era uma impulsionadora do conhecimento, já que na escala de todos os conhecimentos possíveis à razão humana, o conhecimento de Deus é o mais alto que a mesma pode pensar. Outro ponto importante a ser mencionado é a forma como ele coloca a questão da fé em relação ao conhecimento. Da mesma forma que Santo Agostinho, Anselmo ressalta o fato de crer, de ter fé e por causa desse fato, é que ele vai além na tentativa de se conhecer o objeto de sua fé, por meio da razão. “Creio para compreender” é a marca distintiva da influência agostiniana sobre o pensamento de Anselmo, justamente pelo fato de que a fé é tratada não como um obstáculo à busca do conhecimento, mas sim como o primeiro passo.

Outra personagem da História da Filosofia Medieval que teve contato com a forma como Santo Agostinho tratava a relação entre fé e conhecimento foi Pedro Abelardo (1079 – 1142). Todavia, ele alterou a máxima agostiniana a fim de enfatizar a importância da razão no entendimento da fé, para que esta não fosse apenas um elemento dogmático vazio. Foi assim que ele disse:

Ora, aconteceu que eu me aplicasse, de início, a discorrer sobre o próprio fundamento da nossa fé por meio de analogias propostas pela razão humana, e que eu compusesse para os meus alunos um tratado Sobre a Unidade e a Trindade de Deus. Eles me pediam argumentos humanos e filosóficos, e insistiam mais naqueles que pudessem ser entendidos do que proferidos, dizendo ser supérflua a prolação de palavras sem a compreensão das mesmas, e que não se pode crer naquilo que antes não se entendeu, e que é ridículo alguém pregar aos outros o que nem ele próprio nem aqueles que ensina podem compreender com o intelecto. (Abelardo, *A História Das Minhas Calamidades: Carta Autobiográfica – O Livro de Teologia e a Perseguição Que Sustentou da Parte de Alguns Condiscipulos*. p. 268).

Pedro Abelardo inverte a máxima de Santo Agostinho: “Se não acreditardes não entendereis”, para “entendendo para crer.” Aparentemente Abelardo está discordando do lugar que a fé ocupa no processo de aquisição do conhecimento. Contudo, essa discordância é apenas aparente. Ele na verdade está apenas enfatizando a necessidade de se entender aquilo que é objeto da fé, pois sem o entendimento adequado daquilo que é objeto da fé, cai-se em uma fé sem propósito, vazia, em outros termos, cai-se em um fideísmo. Essa fé cega e descomprometida com a razão é tanto desprezada pelos autores canônicos quanto pelos pensadores cristãos ao longo do tempo. Abelardo levanta-se como um arauto a anunciar a importância da razão em harmonia com a fé. É preciso, portanto, entender o que se crê, para que se possa aderir ao objeto da fé que se quer crer, não por uma fé cega, mas pela livre escolha da razão. Essa é a postura de Pedro Abelardo.

Outros pensadores medievais poderiam ser citados aqui para demonstrar a influência do pensamento de Santo Agostinho sobre a relação da fé com o conhecimento, como por exemplo Tomás de Aquino (1225 – 1274), Guilherme de Ockham (1285 – 1347) etc., todavia, para exemplificação, os dois pensadores citados serviram a esse propósito. Sem contar que, se pensar que a Reforma Protestante recebeu fundamento filosófico principalmente de Santo Agostinho, aí ter-se-iam muitos outros pensadores a serem mencionados. Portanto, a forma agostiniana de entender a fé e o conhecimento como aliados no exercício de conhecer é indiscutível e profundamente prolífera. Santo Agostinho desempenhou um papel fundamental ao tratar esses temas da forma como o fez, legando à posteridade um caminho seguro a ser trilhado.

Reflexões e conclusões

Antes de apresentarmos algumas possíveis respostas às questões levantadas no início desse artigo, é imprescindível entender que não pretendemos estabelecer uma análise crítica ou até mesmo comparativa da reflexão ao longo da História do Pensamento sobre o tema aqui abordado. Reconhecemos a importância de tal investigação e reflexão. Nossa proposta limita-se a apresentar a proposta do Bispo de Hipona a partir de sua frase mais conhecida e que guiou toda a sua filosofia. Sob esse entendimento, passemos às reflexões finais.

É, no mínimo, interessante notar que a posição defendida por Santo Agostinho sobre a relação entre fé e conhecimento é a mesma que aparece nas páginas das Escrituras, no pensamento de alguns teólogos e nos textos de inúmeros filósofos que o sucederam. É possível, portanto, a partir desse fundamento, responder: Qual é o lugar da fé no conhecimento? Qual é o lugar do conhecimento na fé? O conhecimento nega necessariamente o auxílio da fé? A fé não necessita das justificativas e verificações do conhecimento diante do que crê?

A primeira questão a ser respondida é: qual é o lugar da fé no conhecimento? Tomando a perspectiva de Santo Agostinho, o lugar que a fé ocupa em sua relação com o conhecimento é o de primeiro degrau. A fé sempre foi o primeiro passo, o primeiro degrau na busca do conhecimento na vida de vários pensadores ao longo da história das ideias. A ciência moderna nasce sob a sombra da fé cristã. Quase que hegemonicamente, os maiores cientistas modernos ocidentais eram cristãos. Só para mencionar alguns, temos: Nicolau Copérnico (1453 – 1543), Galileu Galilei (1564 – 1642), Blaise Pascal (1623 – 1662) e Isaac Newton (1643 – 1727). Em outras palavras, a fé para esses e outros pensadores foi o primeiro passo que os impulsionou a se aprofundarem no conhecimento que almejavam. Dessa forma, a fé nunca se constituiu um empecilho à busca do conhecimento, ela foi na verdade seu primeiro passo.

A segunda questão a ser pensada é: Qual é o lugar do conhecimento na fé? Para responder essa questão é necessário primeiro olhar para a fé como um conjunto de verdades que se pode verificar e crer. Esse entendimento, remete à necessidade da reflexão, análise e verificação do objeto crido. Esses aspectos apontam para o exercício da razão na busca de justificativas plausíveis, o que é próprio do conhecimento. Nesse sentido, o conhecimento ocupa o lugar de complemento à fé, pois a possibilita organizar, analisar, refletir sobre o objeto em que se deposita a fé. Por isso, o conhecimento é um complemento importante à fé.

A terceira questão é: O conhecimento nega necessariamente o auxílio da fé? A resposta a essa questão é: não! Justamente porque se o conhecimento negasse a fé, ele deveria negar qualquer possibilidade de investigação do conhecimento que ele ainda não possuísse ou dominasse. Conhecer envolve a possibilidade de se crer em algo que se possa buscar, isso é uma espécie de ato de fé. A maior dificuldade nesse ponto é desassociar a fé do seu lugar comum de utilização, no caso, o religioso. Contudo, se ela for analisada a partir da premissa de que é necessário acreditar que é possível buscar, investigar ou ter a perspectiva de que se pode achar algo se continuar o esforço de conhecer, então, o problema é solucionado. Nesse caso, o conhecimento harmoniza-se com a fé em seu exercício de conhecer, pois se propõe a investigar aquilo que ainda não conhece.

A última questão é: A fé não necessita das justificativas e verificações do conhecimento diante do que crê? A resposta a essa questão também é não. Justamente, pelo que foi visto anteriormente. Desde os autores canônicos até os pensadores cristãos posteriores, todos fizeram uso da razão e de suas justificativas a fim de esclarecer e tornar compreensíveis os elementos da fé. Na perspectiva judaico-cristã, Deus se revelou de forma compreensiva aos seus. Se ele não tivesse feito isso, como haveria a fé e o que se poderia crer? Portanto, a fé usa as justificativas e verificações da razão em seus elementos, justamente

porque esses elementos são passíveis de serem compreendidos pela razão.

A História do Pensamento Ocidental e a História da Ciência Moderna, tal qual conhecemos, é repleta de pensadores e cientistas que souberam lidar com a relação complementar e harmônica da fé com o conhecimento, oriunda de Santo Agostinho. Esse antagonismo aparente seria proveniente de alguns pensadores, que por questões pessoais e de certa medida religiosa – referindo-se aqui ao ateísmo como uma religião às avessas – propagam e militam nesse antagonismo. Coisa essa que raramente existiu na História das Ideias. O exercício de harmonizar e complementar a fé e o conhecimento deve ser um norte para a relação entre teologia e filosofia, entre fé e ciência, pois toda boa fé busca conhecer suas razões e todo bom conhecimento inicia-se por uma boa fé. Portanto, *crendo para conhecer* conduz necessariamente a *conhecer o que se crê*, conforme o legado e caminho deixado pelo Bispo de Hipona.

Bibliografia

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Traduzido por Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. Traduzido por J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- _____, *O Livre-Arbitrio*. Traduzido por Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995 – (Patrística).
- AUGUSTIN (Saint). *Oeuvres Complètes Saint Augustin Évêque D'Hippone*. Traduites em Français Et Annotées Péronne, Écalle, Vincent e Charpentier. Tomo II – Les Rétractations (Deux Livres), Les Confessions (Treize Livres), Contre Les Académiciens (Trois Livres), La Vie Heureuse (Um Livre), De L'Ordre (Deux Livres) e Les Loliloques (Deux Livres). Paris: Librairie de Louis Vivés, 1870.
- ANSELMO. ABELARDO, Pedro. *Monolégio, Proslégio, A Verdade, O Gramático; Lógica Para Principiantes, A História Das Minhas Calamidades*. Vários Tradutores. São Paulo: Nova Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores VII).
- GILSON, Étienne. *A Filosofia na Idade Média*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____, *Introdução ao Estudo de Santo Agostinho*. Tradução de Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. 2ª ed., São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2010.
- JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 3ªed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor: 2001.
- PIGNATARI, ROBERTO CARLOS; COSTA, MARCOS ROBERTO NUNES. '*Credere et intellegere*': a articulação fé-intelecção como fundamento da ascensão intelectual no '*De libero arbitrio*', II, 1,1- 2. *Civistas Agostiniana*, v. 7, p. 69-118, 2018.
- STOTT, John. *Crer é Também Pensar*. Traduzido por Paula Mazzini Mendes. 2ª ed., São Paulo: ABU Editora, 2012.